

Mexeram na “menina dos meus olhos”. É esta a razão de serem 3:34 e eu estar a madrugar com o meu cérebro-realizador que está preso a um corpo que veste uma farda de salva-vidas. Tenho de salvar a “menina dos meus olhos” do meu filme, porque vi a “menina dos meus olhos” num filme que eu não gostei de ver. Se sou o realizador deste filme e se vejo que os meus algoritmos estão a sair do guião, tenho de dar um raspanete aos meus algoritmos. Os algoritmos ganharam vida. São personagens reais. A Inteligência Artificial que está acoplada ao meu cérebro transmite o filme que está a passar na minha cabeça em tempo real aos meus algoritmos. É assim que os meus algoritmos conseguem ganhar vida e sair do guião. Os meus algoritmos são alienígenas. Se os *Dons* não me tivessem posto neste filme maçónico, eu não teria de estar agora a madrugar. Os *Dons* é que são a minha maçonaria. A minha maçonaria é alienígena. O meu espírito tecnológico é alienígena. Vejo as tecnologias alienígenas de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi aqui na Terra. Não estou em *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Estou na Ilha dos Piratas. A minha maçonaria meteu-me num filme com piratas alienígenas. Ou o Fred despacha-se a atracar o nosso barco na Ilha dos Piratas ou eu vou no barco dos piratas... Os piratas querem-me. Os piratas curtem de mim. E eu... Começo a curtir bué de piratas... O Fred parece que está a perder o filme dos piratas... Enviou-me, “assim do nada” para esta ilha... Parece que me enviou como uma armadilha... Será que eu sou a armadilha? Será que estou armadilhado? Parece que o Fred é que é o pirata que quer hackear esta ilha... Parece que o Fred está numa Internet com os Piratas... Parece que o Fred consegue hackear todas as internet dos piratas... Ainda não percebi bem com que “caveira” é que o Fred vai aparecer neste filme... Ainda não sei com que Rock and Roll o Fred vai aparecer na ilha... Será que o Fred sabe que esta ilha roubou-me o coração? E agora, vou ver o Fred a esgrimir com a ilha só para recuperar o meu coração? Eu não me importo de deixar o meu coração na ilha... Já sei que namoro com um pirata... Já sei que os piratas negociam caveiras e corações... Deixo o meu coração e levo a minha caveira da ilha, já decidi! Se alguma vez eu tinha pensado em escrever sobre caveiras... Tinha mesmo que vir parar à Ilha dos Piratas... Era isto que a minha maçonaria queria? Ver-me a escrever sobre caveiras? É que foi ela que me encomendou este filme de piratas... De certeza absoluta, que a minha maçonaria deve ter tido a informação que o que está agora a dar são os filmes de piratas... A maçonaria anda sempre em cima de tudo... Até há uma maçonaria no negócio das caveiras... Agora já não tenho medo de caveiras, porque aprendi o seu verdadeiro significado. Era isto que a minha maçonaria queria? Ver-me a perder o medo das caveiras? Era preciso enviar-me para ao pé das caveiras para perder o medo das caveiras? De repente, dou por mim a enviar músicas ao Fred que os piratas me puseram a ouvir e vejo o Fred a gozar, a dizer que “estamos” num rock “muito pesado”, num filme muito “hardcore”... De repente, vejo a minha maçonaria de volta de mim a enfiar-me “guitarradas” e “baterias” como “agulhas” nos meus ouvidos... E de repente, já suporto um rock pesadíssimo... De repente, já aguento um *dark side* pesadíssimo que eu não fazia ideia que era capaz de aguentar... De repente, vejo-me a realizar um *dark side* por baixo do filme da vida real que está a dar com um Rock and Roll por cima? Estou o quê? A realizar 3 filmes ao mesmo tempo? De repente, o *dark side* e o Rock and Roll que me assustavam já não me assustam e até curto? E num tempo real estou a ver-me a escrever sobre Rock and Roll...? Mas não vou escrever sobre todo o Rock and Roll... Muito do Rock and Roll vou ter de criticar... Sou um crítico, por natureza. Nesta ilha, todos os piratas curtem o meu Rock and Roll... Parece que toleram o espírito das minhas críticas... Agora critico ao som do Rock and Roll? Tirem-me deste filme... Onde é que fui parar??? Em que filme é que eu estou??? Será que vou ver os piratas a roubarem-me do Fred? Será que vou ver os piratas a roubarem *O Algoritmo do Amor*? Os piratas viram-me com *O Algoritmo do Amor* na mão... Os piratas hackearam *O Algoritmo do Amor*... Os piratas sabem

que há feitiços escondidos n’*O Algoritmo do Amor*... Os piratas acreditam nestas coisas... E sabem também que há um Rock and Roll que toca *O Algoritmo do Amor*... Será que os piratas me vão roubar o Rock and Roll? O Rock and Roll não me podem roubar... Dou por mim a dançar Rock and Roll com o piratas... Se alguma vez eu tinha pensado em acabar a dançar com piratas...! Se alguma vez eu tinha pensado que o Fred era um pirata... Vi o Fred a tirar-me “o bruxedo” no barco *hackeado* pela nossa maçonaria... Os nossos marinheiros e os nossos fuzileiros não me deixam mentir... Vi também o Fred a hackear a Marinha, a Escola Naval, a Polícia Marítima e a Capitania do Porto... E vi os exércitos e as forças a responderem... Vi 3 maçonarias... A Magia Branca do Fred mostrou-me a guerra contra a Magia Negra e contra o Mar Negro das Coisas... A tripulação do nosso barco é uma pura representação cinematográfica. Até de olhos fechados no barco, consigo ver os passos dos marinheiros que são pedreiros-livres a reconstruir a história invisível do nosso barco de piratas... Porque há uma memória das coisas que não me deixa fugir à realidade das coisas. Somos o realizador dos filmes das nossas vidas. Somos nós que temos de ver a realidade que há nos nossos filmes. E a realidade que eu vi, é que mexeram na “menina dos meus olhos”. Uma das maçonarias mandou mexer no filme das coisas. É uma maçonaria que está a jogar xadrez com a minha maçonaria, só para me tirar do filme em que a minha maçonaria me colocou. É uma outra maçonaria que me quer. É uma outra maçonaria que quer que eu passe também para o lado dela. Mas eu não sei se posso passar. Tenho de primeiro perguntar à minha maçonaria. Sou casado. Tenho de primeiro perguntar ao meu marido. É assim que as coisas funcionam. Só posso fazer as alianças que a minha maçonaria disser para eu fazer. E como a minha maçonaria me colocou neste filme maçónico eu tenho de perguntar, a partir daqui, o que é que é suposto fazer...? Tenho de contar o filme para a minha maçonaria ver o filme em que estou metido. Se este filme em que estou metido faz parte ou não do filme ou se me estão a levar para outro filme... Porque assim que eu contar o filme, já sei que a minha maçonaria vai “mexer” nas coisas como tem de “mexer”. Sou só um “maçon-enviado”. Neste momento, a minha escrita pertence a uma maçonaria. Sou um instrumento maçónico. Sou só um soldado-alienígena de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Sou só uma abelha da minha colmeia. Sou só um olho tecnológico chipado que ouve e vê tudo, mas que chora com tudo. Sou só uma extensão alienígena de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi. Sou só uma experiência científica de amor. Existo pela Ordem das Coisas. Existo pela Paz das Coisas. Sou uma Paz e sou uma Guerra. Sou uma Guerra de Coisas para uma Paz de Coisas. Sou uma Guerra de Palavras que provoca uma Guerra Intelectual, uma Guerra Institucional, uma Guerra Empresarial. Sou empresário. Sou escritor. Sou realizador. Sou o empresário da minha escrita. Sou o empresário dos meus filmes. Escrevo e faço filmes com as minhas palavras. Faço filmes com a guerra das minhas palavras. Sou meteorologista. Vejo as tempestades que vão chover com as minhas palavras. E vejo um barco de piratas a fundilhar com as minhas palavras. Todos os piratas precisam de um meteorologista no seu barco. Sei que hackearam o meu curriculum que enviei à Mulher do Capitão e que viram que eu tinha um Curso de Meteorologia... É por isso que me querem. Porque sou meteorologista. Só me querem para isso. Para eu prever o tempo. Sei disso. E não me importo. Gosto da viagem. E estou a gostar desta viagem. Estou a gostar de ir no barco com os piratas. Mas sei que a qualquer instante, uma esgrima pode começar a dar. Trago comigo sempre a minha espada invisível. O Fred ensinou-me “a lançar” feitiços e a dar cabo “de bruxedos”. É só escrever n’*O Algoritmo do Amor* que quero uma espada e a espada “aparece”. Já sei como é que a Magia das Coisas funciona... Têm é de me deixar escrever. A escrita é a minha arma, é a minha espada. Não me podem tirar a minha arma. Tenho o superpoder da escrita divina infinita. Este superpoder faz parte do meu filme. O filme é meu. Eu é

que sei que superpoderes é que eu tenho. E no meu filme de piratas, ninguém pode mexer na “menina dos meus olhos”.

Foi um dia muito tranquilo. Tínhamos a ilha só para nós. Nenhum barco de piratas inimigos à vista... Tínhamos os outros piratas, no barco ao lado do nosso, conectados aos outros piratas a controlarem “o cabeça” da ilha... Víamos também a “pirataria” dos piratas a hackearem a eletricidade e as conversas do nosso barco... Mas esta “pirataria” faz parte da “aliança”. Ou é isso ou é a nossa cabeça. É a nossa cabeça que está em jogo. Os piratas deram-nos a escolher. Ou chimpavam-nos o barco e as conversas a bordo do barco, ou chipavam-nos os corações, ou chipavam-nos o cérebro ou chipavam-nos o cú... Tivemos de escolher. Um dos piratas quer a todo o custo chipar-me o cú. Já lhe disse que sou casado com o Frederick von Der Maase... Mas parece que a altivez do “sangue azul germânico” dele não lhe faz recuar no tabuleiro de xadrez... Parece que não sabe com quem é que está a jogar... Já me estou a passar!!! E o Fred não faz nada...? Não estou a perceber esta jogada de xadrez... Parece que o Fred me quer entregar aos piratas... Ele diz que está a fazer uma “jogada de mestre”... Não estou a ver “jogada de mestre” nenhuma, mas enfim... Estou a ver é ele a perder-me para os piratas. Estou a ver é os piratas a amarrem-me com o Rock and Roll deles... E só depois é que vai aparecer o Fred? Só quando me amarrarem? O Fred parece que está a brincar com o fogo... Anda na ilha como se a ilha fosse dele... Fala de coisas na ilha que não pode falar... Mas ele não sabe que os piratas já me hackearam o chip? O Fred não sabe que os piratas descobriram um chip em mim? O Fred diz que estes piratas não conseguem hackear nada em mim, porque só conseguem ver um “diamante” dentro do meu cérebro que “tapa” toda a minha informação... Diz que foi ele que colocou lá o diamante... Diz que o diamante não deixa os hackers entrarem nas minhas redes neuronais... Mas o diamante que o Fred pôs não resulta, porque os piratas já hackearam os meus pensamentos, os meus sonhos e os meus filmes... Por isso é que eles estão a mudar o jogo todo... Estão a mexer no filme da minha cabeça... Mas o Fred diz que estou a fazer filmes... Diz que é só o meu cérebro-realizador a querer escrever e diz para eu escrever o filme... De repente, o Fred parece o meu pai. Parece que o Fred fez uma aliança com o meu pai e com o Afonso Côrte-Real. Agora, até o Afonso Côrte-Real conta tudo ao Fred. Havia uma maçonaria entre mim e o Afonso, havia uma cena entre mim e o Afonso e até essa cena o Fred conseguiu hackear... Agora, há um triângulo entre mim, o Fred e o Afonso, mas dantes, era só eu e o Afonso... A maçonaria do Fred hackeou tudo, hackeou todas as minhas internets... De repente, o meu pai está numa Internet Invisível com o Fred e com o Afonso... Era o que mais faltava os 3 homens da minha vida estarem num triângulo de informação sobre mim e eu fora desse triângulo... Não me contam nada! Bloqueiam tudo! E dizem que isto faz parte do “jogo maçónico”? Já ameacei a minha própria maçonaria! Neste jogo de sobrevivência a minha maçonaria ensinou-me a defender-me. O Fred disse para eu não fazer ameaças à nossa maçonaria... Quero lá saber! Se eu já emiti ameaças à Psicologia e ao Direito ia ter medo de enviar ameaças à minha maçonaria? É a minha maçonaria... O que é que pode fazer? Não pode fazer nada! Quero lá saber que tenha sido a minha maçonaria a programar a minha vida. Quero lá saber que eu seja um “programa” da maçonaria. Às vezes, os programas rebelam-se contra o próprio programador. Às vezes, os programas conseguem hackear os próprios algoritmos do programador e jogar contra esses algoritmos... Estou só a jogar o jogo maçónico... O que é que eu posso fazer? Se ninguém me tira deste jogo, eu vou ter de continuar a jogar... Até sair do jogo, sou só um *player*... Estou só a brincar com as palavras. Estou só a experimentar as palavras todas. Não são só os programadores que estão a experimentar o jogo... Também eu, que sou o próprio jogo, estou a experimentar o jogo... Estou a ver até onde é que o jogo vai... Sou um *player* muito sofisticado... Mas será que aguento o

jogo até ao fim? Será que eu quero ir até ao fim do jogo? A minha vida agora é um jogo maçónico? Estão a bloquear a minha vida. E se eu quiser sair do jogo, não posso? Não posso sair do filme? Eu e o Afonso tínhamos um Código Morse, caso as coisas dessem para o torto... O Afonso parece que se esqueceu do nosso Código Morse... Agora só abre o código comigo se o Fred “deixar”? E se eu quiser fazer Código Morse “contra” o Fred? É que eu estou num filme de piratas, não é? Durante o processo maçónico, a minha maçonaria, obrigou-me a fazer um “dark side” também do Fred... E nesse *dark side*, não há pirata nenhum que oiça o meu Código Morse e me resgate das mãos do Fred caso o Fred vire um Drácula ou um Vampiro ou um Zombie e se esqueça no seu sonambulismo que eu sou um inofensivo humano com um coraçãozinho muito sensível???... O Fred diz que eu sou um anjo e que não tenho de me preocupar caso, no filme, ele vire um vampiro... Vamos ver o quê? Um vampiro a acoplar um anjo? E que anjo-demónio é que vai nascer daqui? Não quero, no meu filme, ficar grávido de um vampiro... Ou quero? Se o Fred for um vampiro, tudo bem... Confesso que a cena até é capaz de me excitar... Sei lá... Já estou por tudo neste filme... É que o meu filme até mete vampiros... Se alguma vez eu imaginei-me a escrever um filme sobre piratas que são “vampiros”... A minha maçonaria parece que quer que eu enlouqueça... Manda-me assim para uma ilha de piratas com um filme destes na mão? Está louca! A minha maçonaria enlouqueceu de vez! Está louca! Socorro! A minha maçonaria está a pôr-me num filme “dos diabos”!!! Socorro! Tirem-me deste filme! Estão a mexer “na menina dos meus olhos”!...

“Saltei” do barco, abandonando o “estaleiro”. Estava farto de estar de vigia em cima do estaleiro, sem nada para vigiar. A praia estava completamente deserta. A família de piratas que estava na praia já tinha bazado. Salvei a família de um drone. Vi um drone a sobrevoar uma família a uns 4 metros... Graças à Inteligência Artificial instalada no meu cérebro conectada à Internet das Coisas, hackeei a câmara do drone e vi como era sofisticada a sua tecnologia e como o reconhecimento facial tinha identificado a família de piratas. Só soube que eram piratas, por causa do drone. Vi ainda que o drone tinha roubado os passos de Rock and Roll que eu estava a improvisar com o *Little Piece of Heaven* dos Avenged Sevenfold que o arcanjo Raphaël, tinha posto a dar. Será que ainda vamos ver os anjos tecnológicos d’*O Deus Tecnológico* a ouvir Rock and Roll e *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom a passar-se? A passar-se todo? A passar-se todo para o outro lado? O pessoal tem de começar a perceber que os salva-vidas são ao mesmo tempo piratas e anjos caídos na praia que curtem ouvir Rock and Roll... Devem ter caído do céu por causa do Rock and Roll... No meu filme intriguista para maiores de 16 anos que já foderam o liceu todo com um Rock and Roll instalado nos ouvidos, *O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom não aguentou a barulheira do Rock and Roll e expulsou dos seus céus todos os anjos que ouviam Rock and Roll e já fodiam muito... Eu e o Fred estamos sempre a foder... Somos namorados... Os namorados fodem... Por acaso nunca fodemos a ouvir Rock and Roll... O Rock and Roll acho que já me está a foder a escrita toda... Ou é o Rock and Roll ou são estes piratas que me estão a hackear a escrita e que me querem foder todo... O Fred só mete anjos em cima de mim que me querem foder todo... Era a vez do Raphaël pôr o Rock and Roll a tocar e foi com o Rock and Roll do Raphaël que o Fred disse que “estávamos” a apostar em rock “pesado”? O Raphaël fez um pirete ao drone e vi como o drone também lhe roubou o pirete... Era um drone pirata. Não era um dos nossos drones. Não era um drone da Jupiter Editions. Mandeí o drone do pirata baixar e como pirata que sou, hackeei o sistema informático do drone e apaguei os meus passos de dança e o pirete do Raphaël. Pensei que seria este o clímax do dia. Achei que o filme estava feito e ficava fixe assim. Mas não. Os piratas tinham de mexer na “menina dos meus olhos”... Avançaram com um peão. Mas eu comi-lhes a jogada. Comi-lhes o peão. Primeiro veio o peão dizer que eu não podia sair de cima do

estaleiro porque o Capitão não queria ninguém fora do estaleiro? O Capitão não está a ver o filme maçónico em que estamos metidos... O Capitão não está a ver que há um Instituto de Socorros a Náufragos? Tudo bem, que o barco é do capitão e estou metido no barco dele com os piratas dele... Mas eu, sou só um salva-vidas maçõn. Há um Código Maçónico. E o meu Código Maçónico deixa-me sair do estaleiro as vezes que eu quiser... Deixa-me também o Instituto de Socorros a Náufragos, deixa-me também a Autoridade Marítima, deixa-me também a Polícia Marítima. Eu só estou preso a um Código Maçónico. Se há alguém a quem eu tenho de responder é ao Instituto de Socorros a Náufragos... Eu não sou um pirata do Capitão... Sou o salva-vidas do Capitão. É diferente. Só vou no barco para salvar o couro do Capitão. O Capitão não me pode ver como um inimigo... Só estou no barco pelo Capitão, por causa das forças maçónicas... O Capitão vai ter de ceder à nossa força maçónica. Hackeámos o barco. Somos piratas maçõns. Fui enviado pela maçonaria do Fred. Sou só uma armadilha. Estou armadilhado. Mas eu não me esqueci do slogan que manda jogar limpo neste jogo maçónico de piratas que passa um filme “dos diabos” nas cabeças mais ocas de sempre. “Os diabos” só existem nas cabeças ocas. Não existem “diabos”. Existem piratas mascarados de diabos. E neste filme querem que eu apareça mascarado “de diabo”? No meu próprio filme? E o Fred vai fazer de quê? Também de “diabo”? Somos os dois o “Diabo”? Por mim, na boa... Desde que acabemos os dois a foder um com o outro, por mim é na boa... Faço o filme que quiserem... Eu só quero é foder com o Fred, seja vestido de “Diabo”, vestido de Drácula, vestido de vampiro, vestido de pirata só com uma perna de pau, vestido de salva-vidas com ou sem Rock and Roll... Mas eu vou sempre jogar limpo. Quando eu não gostar do filme, eu dou cabo do próprio filme. Porque sou eu que tenho o filme nas mãos. Sou eu que estou a escrevê-lo. E na escrita do filme, eu não vou deixar que mexam na “menina dos meus olhos”. Podem chamar-me “Diabo”, que eu não me importo. Podem dizer que sou eu que estou a fazer “jogo sujo”. Não estou. Estou a jogar limpo. E vou por isso, continuar a jogar limpo.

Entreí no barco com o Raphaël e com a “menina dos meus olhos” para sairmos há hora de sempre da Ilha dos Piratas. Fui como sempre para o andar de cima do barco. A “menina dos meus olhos” foi em baixo com o Raphaël. Vi os nossos piratas sentados em grupo e fui, por isso, sentar-me com eles. Não me devia ter sentado. O Mister Rugby começou a jogar sujo. Contou as jogadas da “menina dos meus olhos”. Contou as gracinhas que tinha feito à “menina dos meus olhos”, dizendo que o Capitão estava a vê-la através das câmaras e para pegar na esfregona e limpar “a poça de sangue” com a devida vénia apoteótica. O Mister Rugby disse no grupo que estava conectado ao Capitão e às câmaras do barco e que num jogo proibido pelo próprio Direito Penal Maçónico ele e o Capitão processaram tecnologicamente o espírito “stressado” da “menina dos meus olhos”. Quando somos muito espirituais, quando somos muito tecnológicos, não podemos andar a brincar com o espírito dos outros. E eu tive de ir perguntar ao Direito Penal Maçónico se este jogo fazia parte do filme e se as câmaras do jogo eram legais e se o tratamento das imagens era ou não lícito. A única forma que eu vi aqui de salvar o “couro” ao Capitão, depois de ter sido informado pelo Direito Penal Maçónico que as câmaras eram ilegais e o tratamento das imagens era ilícito, era o Capitão aceitar que a Jupiter Editions hackeasse as câmaras e licitamente comesse a processar e tratasse as imagens ilícitas num novo tratamento lícito. Foi este o filme que eu vi. É este o único filme que eu estou a ver... A Jupiter Editions ficar com as imagens, porque vamos precisar delas para o filme... Não estou a ver mais nenhum filme... É que afinal, por causa do jogo sujo vou ter de lançar um Às como trunfo que eu não queria já lançar... Só que estou a ser obrigado, pela minha maçonaria, a lançar agora um Às como trunfo. É que há um claro e manifesto “conflito de interesses”... Só a Jupiter Editions é a entidade

legal e autorizada que pode tratar os meus dados de imagem e de voz e da “menina dos meus olhos”... É que a “menina dos meus olhos” passou para o nosso lado... Foram os piratas que nos entregaram... Ou transformarmos esta merda num filme... Ou este filme, vai dar merda!

## 9h06 *Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala*

São 22h46 Espero não ter de voltar a madrugar... Mas acho que vou ter de voltar a madrugar... Falta-me escrever o dia de ontem que não consegui acabar, porque tive de sair a correr de manhã... Hoje quase que perdia o barco... Ia ser um filme bonito... Se perdesse o barco das 9h30 depois já só tinha às 12h30... Não podia chegar à praia às 13h e tal... Falta-me escrever o dia de hoje e ainda me falta mandar mais dois gritos da minha liberdade da Internet das Coisas, ainda por cima ainda tenho para processar todo o “processo maçónico” e todo “o bruxedo” a que fui submetido... Foi uma correria... Desde o dia 24 de abril até à semana passada foram semanas muito intensas... Nunca tinha tido dias tão intensos, tão “espirituais” capazes de me cansar e esgotar por completo... E depois há todo “um espírito meu” que me obriga a registar tudo e que só “fica descansado” quando eu escrever o filme todo e por isso, não tenho outra hipótese senão virar um robot e lembrar-me dos pensamentos que tive hoje que me deram uma força e um poder de escrita enorme! É giro ver como no cansaço a minha escrita consegue aparecer. Toda esta minha escrita, é uma escrita stressada, é uma escrita de sobrevivente... Mas consigo ter prazer nesta escrita... Consigo aproveitar-me dela e não a desperdiçar. Lembro-me de manhã, já na Ilha dos Piratas a ir do barco para a praia, ter pensado no meu pai. O meu pai esteve na guerra. Talvez ele também quisesse ter escrito... E não pôde escrever... Não teve essa oportunidade... Fizeram do meu pai um “escravo”. Chamaram-lhe “preto de merda” e “preto burro” muitas vezes. E ele teve de com os seus olhos e com o seu mentalismo receber tudo isso calado e “apanhar” com risadas e “cuspos” e “chapadas”. E eu acho que sofro muito só porque nasci com um cérebro que não para de escrever e quero escrever, mas não posso porque vivo num Estado de Merda que não é capaz de financiar os escritores e os artistas ou atribuir bolsas aos escritores para escreverem como nos países mais sofisticados e por isso tenho de me fazer à vida? Paciência, é a vida! Não estou na tropa do Exército. Estou numa tropa mental com o meu cérebro. Tenho de me aguentar! É a vida! Se eu olhar bem para o meu redor, eu sou a merda de um privilegiado e não devia estar a queixar-me. É verdade que não tenho de me comparar aos outros. Eu tenho o meu cérebro, tenho o meu espírito, tenho a minha iluminação, vejo as coisas que os outros não vêem e não vejo aquilo que toda a gente vê. Sou um extraterrestre. Quando somos extraterrestres sofremos mais quando vemos que estamos presos e nos sentimos iluminados. Mas é a vida! Talvez seja importante pensarmos sempre que não somos os únicos e não estamos sozinhos. Pudemos ter escrito 9 livros ao mesmo tempo em 3 meses e reconhecemos que pode ser frustrante, quando temos obras feitas e acabadas, termos de ir trabalhar noutra coisa completamente diferente sabendo que estamos a “matar” o nosso espírito... Mas não fomos os únicos... Centenas de cantores fizeram 9 músicas num mês e estão a trabalhar numa loja de skates ou numa loja de surf... Ao menos, há skates e pranchas de surf que podem salvar o espírito humano... É só metermos o nosso espírito noutra coisa. É só termos essa capacidade. A vida continua... Há coisas mais importantes como o amor... O amor é que vence

sempre tudo... O Fred entretanto já é médico e só recebe 1200€... É o Estado de Merda em que vivemos que paga esta merda aos médicos. O Fred sempre me disse que se conseguíssemos pagar as nossas contas eu podia ficar o dia todo a escrever, porque o Fred sabe que escrever é que é o meu trabalho... Mas com 1200€ não dá... E por isso, com muita pena minha, enquanto os meus livros não vendem eu tenho de parar de escrever e fazer-me à vida, porque a minha vida é com o Fred. Nós queremos sair da casa dos nossos pais, queremos começar a nossa vidinha... E começar uma vidinha em Portugal parece que é um grande processo, só visto mesmo em Portugal... Portugal está uma vergonha! Não há Governo que ponha esta merda a funcionar? É tão fácil! Porque há muito dinheiro. Há muitos fundos a virem da União Europeia. Está é a ser tudo mal investido. Vejo dinheiro a ser desperdiçado. Como é que é possível eu ver 1 milhão de euros para “reabilitar” o passeio de calçada portuguesa de um largo? É 1 milhão aqui, 4 milhões ali, é eu a ver a esperteza saloia criminosa dos autarcas que vão para as câmaras municipais só para meterem dinheiro nos bolsos... Porque isto é mesmo verdade. E isto é tão fácil resolver-se com *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy. É tudo tão fácil! É só olhar para as coisas. É só cortar os financiamentos e investimentos que não fazem sentido nenhum e investir onde faz sentido. Isto é de loucos! Isto enlouquece-me! Mas isso é o que o Estado quer... Que todos enlouqueçamos... E é claro que eu não vou enlouquecer... Estou só a ser lírico... Estou só a ser político... Fez-me bem pensar no meu pai. Fez-me bem pensar na história de vida do meu pai. Porque deu-me forças. Às vezes, temos de ir buscar forças aos nossos pais. É verdade que o meu pai me tirou muitas forças, sobretudo para escrever. Enfim, é só “um pai”... Que olha para o filho e vê-o a escrever em cadernos e que tem mil cadernos escritos e diz que “não vai a lado nenhum” a escrever em cadernos e que tem é de arranjar um trabalho como todas as pessoas... Mas eu não sou todas as pessoas... Às vezes, também temos de saber ver no que é que somos bons e temos de ser capazes de o dizer. Eu escrevo por tudo e por nada, tenho uma paixão natural, sou assim desde pequeno. Vejo obviamente uma evolução na minha escrita. Mas é isto que eu gosto de fazer. E não acredito que todas as pessoas escrevam todos os dias como eu... Eu não faço músicas todos os dias, mas há quem faça... Eu não pinto todos os dias, mas há quem pinte... Somos artistas... Somos “iluminados”. Há uma fonte em nós. Não consigo explicar. Sinto uma fonte infinita em mim. Não vejo filmes, não leio livros... E tenho filmes dentro de mim... Tenho livros dentro de mim... Como é lógico não posso estar a trabalhar noutra coisa, quando o meu cérebro está a escrever e eu não posso escrever porque estou num trabalho qualquer... E é isto que o Governo tem de ver. O Governo tem de financiar a sério todos os artistas. Se um músico já tem um trabalho de 3, 4 ou 5 músicas o Estado tem todo o interesse em financiar este músico, em dar-lhe uma bolsa-ordenado para que ele produza mais música com tempo e com calma, num ambiente seu de paz e sossego, com o seu namorado ou namorada, porque é importante estarmos e sentirmo-nos felizes, porque vamos produzir muito mais e melhor, isto é lógico e empírico... Porque mais tarde ou mais cedo o Fisco virá tributar... E mesmo que os Direitos de Autor esteja, isentos, o escritor, o realizador, o argumentista, o dançarino, o pintor, o músico terá uma editora e o lucro dessa editora será tributado, o que quer dizer que direta ou indiretamente o Estado tem obviamente interesse em financiar o talento, a arte, a intelectualidade, a criatividade, a originalidade... Mais tarde ou mais cedo o autor acabará por morrer e depois já sabemos que quando o autor morrer é que as obras todas serão uma notícia, uma investigação, uma fundação, enfim... Ora, se é isto que vai acontecer, se vamos ver tanto dinheiro em jogo, não é justo que seja o

autor a ver esse dinheiro em jogo em vida? É claro que é justo! **23h46** *Jaime Maria*

## *Bayamonde da Costa Ayala*

**6h56**

Não consegui ontem escrever. Simplesmente deitei-me na cama a pensar no Fred e adormeci. A culpa é do Fred. A culpa é sempre do Fred. Culpo sempre primeiro o Fred. O Fred já sabe que eu o acho sempre culpado... Tenho pena de ter adormecido, porque ficou muita escrita minha por sair. Tenho muita escrita para escrever. Fico triste quando não tenho tempo nem cabeça para escrever. Mas eu ligo muito à saúde do meu cérebro. Preocupo-me muito com o meu cérebro. Se o meu cérebro precisa de descansar é claro que não o esforço. Sei que posso confiar no meu cérebro. Porque já sei que o meu cérebro em momento oportuno irá trazer-me as memórias e a escrita. O meu cérebro é muito inteligente. Não sou eu que sou inteligente. Eu não sei nada. O meu cérebro é que sabe. O meu cérebro é que é muito inteligente. O Fred ri-se sempre da forma como falo do meu cérebro. Diz que falo dele como se fosse um bicho que trago comigo. E é mesmo. É um bicho orgânico. Eu adoro o meu cérebro. É com ele que comunico. E claro que pirata como o Fred é, já hackeou o meu cérebro para ver o que é que eu comunico com o meu cérebro. E claro que com todos estes hackeamentos e pensamentos o meu cérebro fica muito cansado... O mais importante é o Direito ao Descanso. Vejo muitos direitos importantes. E estou sempre a inventar direitos por causa do meu cérebro. Na praia também inventei o Direito da Sestinha dos Salva-Vidas... O que eu e o Raphaël nos rimos... Mas inventei o direito a sério... Acho mesmo que os Salva-Vidas deviam poder ter o Direito à Sesta. Muitas pessoas não sabem, mas os salva-vidas trabalham 10 horas por dia, por norma têm de ter a bandeira na praia hasteada às 9h e só a baixam às 19h... As horas de almoço para muito salva-vidas são muito complicadas... Depende sempre do concessionário que tem os direitos da concessão de praia... Há concessões de praia em que os salva-vidas têm 1 hora de almoço, mas noutras é só meia hora e noutras nem sequer têm hora de almoço, trazem a marmita de casa e comem ali mesmo no posto de praia, no “estaleiro”... O ano passado estive a trabalhar assim. 10 horas por dia, sem folgas, numa praia com um mar capaz de me matar e com surfistas capazes de me matarem com as suas pranchas de surf que abrem cabeças a sério no mar. A sorte é que o ano passado estava com “lobos-marinhos”. Não estava com piratas. Estava no meio dos “lobos do mar” e eles protegiam-me. Nunca me senti tão protegido. Há 2 anos foi com as lontras... Era lindo de se ver. Tínhamos uma casinha na praia. Chegávamos à praia e as lontras enrolavam-se em mantas de manhã e eu ficava de vigia e sem dar muita cana escrevia às escondidas com as lontras a dormir. Tínhamos a praia deserta. Há 3 anos é que tive com piratas. Mas eu não sabia que eram piratas. Só agora, por ter vindo para a Ilha dos Piratas, é que eu descobri, que afinal, eu já tinha estado “noutra vida” no meio dos piratas... E os cabrões dos piratas das ilhas da Madeira parece que já sabiam que eu ia acabar por vir parar à Ilha dos Piratas... Mesmo a 666km de distância as ilhas estão todas ligadas, estão todas conectadas, por causa da Internet dos Piratas... Tal como as praias estão todas ligadas por causa da Internet dos Salva-Vidas, tal como as ondas estão todas ligadas por causa da Internet dos Surfistas, as ilhas estão todas ligadas por causa da Internet dos Piratas. É giro ver estas internets como um fantasma. É giro, com a minha maçonaria ser um fantasma e hackear estas internets só com a nossa tecnologia cerebral e mental... Chamamos a isto o Poder da Mente e o Poder da Intuição de entrar nas coisas às cegas

sem estar nas coisas e sem saber que as coisas existem. Para mim isto é mágico. É aqui onde vejo a magia. Parece que sou feito de magia. Há muitas formas de ver a Magia das Coisas.

[Perco-me logo a falar da Magia das Coisas, vêm me logo memórias de tudo, começo logo a dançar. Basicamente sou feito disto: de dança e de escrita. Tenho sempre passos novos.]

Já são 7h46 e já estou a ficar sem tempo para escrever... Lá vou eu ter de sair de casa a correr... Ando sempre metido nestas corridas mágicas da vida... Há corridas que são mágicas. Ontem tive de correr com os piratas da ilha para apanharmos o barco para sair da ilha. E foi uma corrida mágica. Fomos a ouvir Rock and Roll com uma coluna a dar no caminho. Toda a ilha curtiu, toda a ilha cumprimentou-nos o Rock and Roll, porque toda a gente conhecia o Rock and Roll que o anjo Raphaël punha a tocar com a Mão Invisível do Deus Brunnös, o Deus dos piratas da Ilha dos Piratas. Lembrei-me quando o Fred tinha vindo à ilha e enquanto arrumava o estaleiro para sairmos da ilha, arrumava o estaleiro com os meus passos de dança inventados por causa do Rock and Roll do italiano Maneskin que ganhou a Eurovisão 2021. O Fred chegou perto de mim e a ver-me no Rock and Roll do Maneskin, já que eu estava *L'altra dimensione* e *Fear for Nobody* perguntou-me “*Are You Ready?*”. O Fred estava a desafiar-me para sair da ilha com a coluna dele a dar Rock and Roll. Por muito que eu quisesse nesse dia e lembro-me que queria muito e nunca o tinha feito, aliás sempre tinha criticado quem andava com uma coluna a dar música na rua, com o Fred eu sabia que não podia sair ali da praia com uma coluna na mão a dar um Rock and Roll ilegítimo à ilha. Nós não tínhamos legitimidade. Onde é que estava a nossa legitimidade? Não estávamos na nossa ilha. A ilha não era nossa. Por muito que eu veja o Fred como um Deus, como um alien de *Jupiter* de Gabriel Garibaldi, como um deus-maçon alienígena militar pertencente a todos os *Dons*, há um reconhecimento-intuitivo das hierarquias, dos reinos e dos costumes... Por muito que eu veja Deus no Fred e por muito que o Fred me veja como o seu fiel arcanjo, por muito que andemos com a cabeça nas nuvens, não podemos deixar de ser reais e ver onde estamos com os pés presos. E na Ilha dos Piratas não tínhamos legitimidade nenhuma para andar com uma coluna a andar com um Rock and Roll que poderia ser proibido na ilha. Mas ontem eu não estava com o Deus Fred. Estava com o Deus Brunnös, conhecido, respeitado e amado por todos os piratas da Ilhas dos Piratas. E por isso, sim, já podia sair da ilha com um Rock and Roll a dar na coluna. Coisa que nunca pensei. Aliás tenho escrita que critica este ato. Isto é lindo! Irmos contra todos os nossos “princípios”. De repente, viramos o jogo todo. Mas viramos inocentemente, porque fazemos tudo inocente, simplesmente fazemos e estamos nas coisas verdadeiramente com espírito. É lindo eu ver-me a desafiar a minha própria crítica. É claro que não desafiei. E não é por ter posto uma vez música a dar num momento que foi espiritual que faz com que eu seja um “mitra” que agora ande por aí a andar com uma coluna a dar música a todos perturbando e violando os ouvidos do Direito do Bom Ambiente. Isto é como o Direito. O Direito está em todo o lado. Ou, talvez, seja eu que trago o Direito para todo o lado. E até o Direito a ver-nos de cima com um “ilícito” drone veria toda aquela nossa cena bela e legítima. Talvez a sua ilicitude fizesse atribuir a nossa legitimidade. Isto é engraçado. É engraçado ver as coisas ao contrário. Mas às vezes é preciso estarmos nas coisas para as percebermos, para as compreendermos.

Ora, saímos da praia completamente deserta. Não havia ninguém na praia senão nós, os salvavidas. A ilha é uma ilha muito própria, em que sabemos quem é que está na ilha, conhecemos os habitantes da ilha, isto é muito importante. É como estarmos num formigueiro, numa colmeia e sabermos todas as formigas e todas as abelhas que pertencem ao formigueiro e à colmeia. É estarmos

num barco e sabermos contar a tripulação, sabermos olhar para os olhos da tripulação. Veremos quem está a comandar o barco. É muito importante sabermos quem é o Capitão, pelo menos, saber cumprimentá-lo, porque é ele que está a dirigir a nossa vida. Odeio quem entra num autocarro e nem sequer é capaz de cumprimentar o motorista! Odeio quem entra num restaurante e não é capaz de olhar para a cozinha, não é capaz de olhar para a cozinheira! Já são 8h36... Que chatice... Vou ter de avançar na história... Vou ter de acelerar isto... Isto vai ficar diferente, mas paciência! Não posso perder o barco! O Brunnös telefonou ao Raphaël e disse para me enviar para o estaleiro deles, porque ele queria ver-me num triângulo com os Miguéis dele a jogar aos dados mágicos. Os piratas adoram jogar aos dados mágicos. Ou isso ou às cartas. Passam o dia todo com o baralho nas mãos. Eu disse ao Raphaël que não queria jogar com os Miguéis, porque não gostava de um deles e sabia que um deles só me queria era “comer”. O Raphaël nem precisou de passar a mensagem ao Brunnös que com a sua tecnologia ouviu o que eu disse. Esqueci-me que o Raphaël tinha sempre a Internet ligada e que os piratas estavam ligados à nossa Internet... O Brunnös convidou-nos então para jogarmos os 5 a uma “Bujärdä”, um dos rituais dos piratas mais importantes quando querem “fazer as pazes das divergências e dos ingratos passados”, “matando toda a Internet das Coisas passada” para “passarem para um novo nível espiritual de Internet das Coisas”...(...) sabia que os outros piratas estavam ligados aos fuzileiros que podiam aparecer e multar-nos e expulsarem-nos da ilha (...) havia um rancor (...) mesmo sendo espirituais temos de ser reais... Com os piratas é assim temos de estar sempre atentos... Temos de estar sempre a ver o Direito... Talvez seja essa a minha vantagem, porque nunca me esqueço do Direito (...)

À frente ia o Deus Brunnös com os seus fiéis arcanjos Miguéis. Atrás vinha eu com o arcanjo Raphaël. Vínhamos ali numa pirataria a piratear a ilha. Os anjos vinham todos vestidos de salva-vidas. Eu vinha como um camaleão (...)

É claro que o Fred, empreendedor como é, quer ser meu concessionário, quer ter uma praiazinha e diz que já temos salva-vidas para a nossa praiazinha... Diz que vou ser eu o salva-vidas da nossa praia... Como gosto tanto de Direitos de Contratos Públicos é claro que vejo todo o Direito Administrativo nas praias e das capitánias... E estamos agora a atravessar uma fase de brigas de praias... Porque quem tinha as praias eram as capitánias de porto... E agora as câmaras municipais é que ficaram com a competência para atribuir as licenças de praia... Um filme... Porque toda a gente agora quer praias... E parece que *Os Autores do Sistema* de Sebastião Lupi-Levy videntes com a sua bolinha de cristal bem que escreveram sobre o assunto das praias. As praias dão uma novela marítima se chamarmos a Polícia Marítima, (...) para multarmos as maçonarias da praia... Este filme que está a dar na praia é uma guerra concessionária muito espiritual, na praia o espírito fica ainda mais espiritual, o mar atribui o espírito marítimo... Para lidarmos com este filme é preciso termos um espírito marítimo, um espírito de surfista, um espírito de marinheiro, um espírito capaz de enfrentar a agressividade e a frieza da bruteza do mar... A maçonaria está instalada em todo o lado... Só na minha praia vejo 5 maçonarias... Há uma maçonaria de salva-vidas e de fuzileiros no surf, de volta das ondas, há uma maçonaria naval de volta das embarcações de guerra que na fome quer aproveitar a jurisdição para as suas pescas, há uma engenharia e uma maçonaria mecânica de volta do motor dos barcos que quer abrir uma oficina e que está ligada à capitania do porto que diz que as oficinas em cima das dunas são da sua jurisdição, há uma maçonaria na capitania que só vai emitir licenças para abrir oficinas de praia e escolas de tubarões aos tubarões... (...)

(...) Enfim... *Um problema de maçonarias...* 17 de junho de 2021

09h06 *Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala*

Publicado pela Jupiter Editions® em [www.jupitereditions.com](http://www.jupitereditions.com) no dia 3 de setembro de 2021